



***A RELEVÂNCIA DE UMA EDUCAÇÃO SEXUAL PARA JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIAS***

***LA IMPORTANCIA DE LA EDUCACIÓN SEXUAL PARA LOS JÓVENES Y ADULTOS CON DISCAPACIDAD***

***THE IMPORTANTE OF SEX EDUCATION FOR YOUNG PEOPLE AND ADULTS WITH DISABILITIES***

*Maiara Cristina Pereira<sup>1</sup>*

**RESUMO**

Esse relato de experiência visa expor as atividades de educação sexual desenvolvidas junto a pessoas com deficiências matriculadas na Educação de Jovens e Adultos (EJA), no período de Março a Junho de 2018. Essa modalidade de ensino tem importância na educação dos mais vulneráveis, e ao falar sobre pessoas com deficiências, a EJA pode possibilitar cidadania para esses sujeitos. Partindo disso, na cidade de Jaú-SP, há um núcleo da EJA que visa à alfabetização desse público. No cotidiano escolar, esse núcleo apresentou necessidade de atividades sobre educação sexual, para isso, foram realizados dezessete encontros visando o desenvolvimento da mesma. No decorrer das atividades observou-se o interesse dos alunos sobre a temática. Também, identificou-se uma falta de bons materiais para trabalhar com pessoas com deficiências em fase de alfabetização. Ademais, percebeu-se a relevância de um(a) educador(a) sexual no cotidiano dos alunos para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Sexual. Sexualidade. Educação.

**RESUMEN**

Este relato de experiencia tiene como objetivo exponer las actividades de educación sexual desarrolladas con personas con discapacidad matriculadas en Educación de Jóvenes y Adultos, de marzo a junio de 2018. Esta modalidad de enseñanza es importante en la educación de los más vulnerables, y cuando se habla de personas con discapacidad, ella puede habilitar la ciudadanía para estos temas. A partir de esto, en la ciudad de Jaú-SP, existe un núcleo de educación que tiene como objetivo la

<sup>1</sup> Psicóloga. Mestra em Educação Sexual pela UNESP/Araraquara. Realiza pesquisas na área da educação, transexualidades, gênero e geração.

alfabetização de este público. En la rutina escolar, este grupo tenía la necesidad de realizar actividades de educación sexual, para esto, se realizaron diecisiete reuniones con el objetivo de su desarrollo. Durante las actividades se observó el interés de los estudiantes por el tema. Además, faltaron buenos materiales para trabajar con personas con discapacidad en la fase de alfabetización. Además, se notó la relevancia de una educadora sexual en la vida diaria de los estudiantes para el desarrollo de un trabajo de calidad.

**PALABRAS-CLAVE:** Educación sexual. Sexualidad. Educación.

### **ABSTRACT**

This experience report aims to expose the sexual education activities developed with people with disabilities enrolled in Youth and Adult Education, from March to June 2018. This teaching modality is important in the education of the most vulnerable, and when talking about people with disabilities. It can enable citizenship for these subjects. Starting from this, in the city of Jaú-SP, there is a nucleus of education that aims at the literacy of this public. In the school routine, this group had a need for activities on sexual education, for that, seventeen meetings were held aiming at its development. During the activities, students' interest in the theme was observed. Also, there was a lack of good materials to work with people with disabilities in the literacy phase. Furthermore, it was noticed the relevance of a sex educator in the students' daily lives for the development of quality work.

**KEYWORDS:** Sex Education. Sexuality. Education.

\*\*\*

### **Introdução**

Sabe-se que o Brasil é um país que possui um histórico de desigualdade social, onde muitos sujeitos não tem acesso aos direitos considerados básicos, como por exemplo, o acesso à educação formal. Devido às condições sociais precárias o país tem um alto índice de evasão escolar, levando muitos a não concluírem o ensino fundamental e/ou médio dentro do tempo previsto, sendo esse de aproximadamente quatorze anos de idade para o fundamental e de dezessete anos para o ensino médio. Conforme aponta o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), entre 2014 e 2018, cerca de dois milhões de crianças e adolescentes, com idade entre quatro a dezessete anos, encontravam-se fora da escola (NOVA ESCOLA, 2019). De acordo com Guareschi (2012), esse cenário de desigualdade no acesso aos espaços de educação contribui para que as pessoas mais pobres continuem ocupando as margens da sociedade.

Diante dessa realidade apresentada, surgiu a Educação Jovem e Adulta (EJA), visando transformar esse contexto excludente e colaborar para a autonomia e desenvolvimento dos sujeitos que não tiveram a educação básica concluída e desejam finalizar. Conforme Marques (2018), a Constituição da República Federativa do Brasil, em 1988, foi um marco na modalidade da educação para jovens e adultos, pois assegurou o direito desses sujeitos frequentarem o ensino fundamental público e gratuito. Porém, foi somente nos anos 2000 que o Conselho Nacional da Educação apresentou uma nova proposta para a EJA. Desde então, essa modalidade começou a ter a função reparadora, equalizadora e qualificadora. Atualmente, a EJA encontra-se inserida nas Leis de Diretrizes de Bases da Educação (LDB) e pode ser dividida em dois seguimentos, sendo o primeiro compreendido como a alfabetização e o segundo seguimento a continuação do ensino fundamental (PEREIRA, 2018; BACCO JR, 2009).

De acordo com Bacco Jr. (2009), a modalidade de ensino para jovens e adultos talvez seja a que mais permite visualizar a ausência de políticas públicas voltadas para a educação, pois traz a lume o número de evasão escolar nas séries iniciais. Para Leite e Campos (2017), a EJA não se refere apenas aos alunos que nunca frequentaram escolas regulares, mas também aqueles que não conseguiram uma aprendizagem suficientemente boa para participarem plenamente da vida cultural, econômica e política do país.

A Educação de Jovens e Adultos pode ser compreendida como uma educação em defesa dos direitos humanos, uma educação libertadora, emancipatória e capaz de romper com a opressão. Além disso, a EJA é entendida como uma forma de conduzir o ser humano para exercer sua cidadania e enxergar as injustiças sociais (PEREIRA, 2010). Mas, para que isso aconteça, esse formato educativo deve pautar-se num modelo pedagógico que vise e assegure a equidade do ensino, o respeito às diversidades e considere as diferenças interseccionais e os princípios de proporcionalidade (BRASIL, 2000).

Partindo da premissa de que a EJA é importante para proporcionar cidadania aos sujeitos, pensa-se na relevância dessas práticas pedagógicas para jovens e adultos com deficiências físicas e/ou mentais, pois isso permitiria a inclusão social desses sujeitos (DANTAS, 2012). De acordo com Leite e Campos (2017) esse é um assunto ainda pouco explorado na área de pesquisas acadêmicas, necessitando de novos estudos e ampliação dos olhares sobre a temática.

Apesar dessa lacuna acadêmica sobre o tema mencionado, conforme Siems (2012), os poucos estudos que envolvem a escolarização de alunos com deficiências, sejam elas físicas ou mentais, estão concentradas em dois eixos, sendo o primeiro, na fragilidade das estruturas de uma EJA que atenda as necessidades das pessoas com deficiências, e o segundo eixo se concentra nas dificuldades dos serviços de Educação Especial que ofereça atividades acadêmicas realmente eficazes para a inclusão desses estudantes.

Perante o exposto, é possível compreender a importância da EJA e da inclusão de pessoas com deficiências dentro das unidades de ensino. Frente a isso, a cidade de Jaú-SP possui um núcleo da Educação Jovens e Adultos exclusivo para as pessoas com deficiências. Esse espaço visa garantir que esses sujeitos acessem uma educação de qualidade apesar das limitações físicas e/ou mentais dos mesmos. Para isso, as aulas do núcleo acontecem no período diurno e os alunos passam meio período na unidade escolar, onde aprendem conteúdos básicos de alfabetização e socialização com outros alunos, como também a interação com os funcionários.

Diante dessa realidade, no cotidiano escolar do núcleo mencionado, os professores observaram que os alunos, além da educação formal, precisavam de orientações sobre aspectos da sexualidade humana, pois houve o surgimento de conversas e comportamentos que envolviam relacionamentos e sexo. Frente a essa nova demanda, os profissionais apresentaram dúvidas sobre como deveriam agir mediante essa situação. Assim, surgiu a necessidade de desenvolver um trabalho de Educação Sexual com os alunos, para que eles pudessem expressar as suas ideias e exporem as suas dúvidas. O desenvolvimento desse trabalho foi realizado em parceria com o projeto social “Plantando Sementes”<sup>2</sup> (PEREIRA, 2018).

Apesar de no parágrafo anterior ter-se mencionado que a escola apresentou uma nova demanda, é importante ressaltar que a sexualidade sempre atravessou as relações no âmbito escolar, pois ela permeia todos os seres humanos. Ao falar-se sobre as Pessoas com Deficiências (PCD's), reforça-se que elas também manifestam a sexualidade nos diferentes espaços sociais, pois deficiência não é sinônimo de incapacidade de exercer a sexualidade de maneira segura e saudável (MAIA; RIBEIRO, 2010).

---

<sup>2</sup> Plantando Sementes foi um projeto social que visava a inserção de uma equipe multidisciplinar em várias escolas do município de Jaú/SP, realizando diversos trabalhos com alunos que apresentavam problemas de aprendizagem, deficiências ou outras queixas escolares. Dentro das escolas atendidas encontrava-se o Núcleo da EJA, que tem como público jovens e adultos com deficiências físicas e/ou intelectuais.

Para compreender o conceito de sexualidade há necessidade de ter um olhar sobre a mesma para além dos órgãos genitais. Conforme Maia e Ribeiro (2010), a sexualidade é um conceito amplo, relaciona-se à manifestação dos desejos, os relacionamentos, o gênero, a expressão dos afetos, as emoções, o relacionamento com o corpo, a orientação sexual e entre outros. Porém, cabe destacar que a sexualidade individual se constrói em um campo social, sendo assim, sofre influências culturais, políticas, religiosas, morais, familiares, como também de ideologias e crenças (MAIA; RIBEIRO, 2010).

Quando há a intersecção da sexualidade com a(s) deficiência(s), identifica-se que esse assunto ainda é um tabu, e devido a isso existem diversos mitos sobre essa temática. Conforme Maia e Ribeiro (2010) um desses mitos refere-se à crença de que as pessoas com deficiências são assexuais, ou seja, não possuem desejo em fazer sexo. Porém, esse pensamento desumaniza as PCD's, como também diminui a autonomia desses sujeitos, pois é como se não houvesse a possibilidade deles exercerem a sexualidade em suas vidas devido a suas limitações físicas e/ou psicológicas. Destaca-se que pode haver pessoas com deficiências que são assexuais, contudo, isso não é uma regra e não deve-se considerar todos os sujeitos com deficiências dessa forma.

Outra ideia errônea existente no senso comum refere-se que as pessoas com deficiências são hiperssexuadas, ou seja, possuem desejos incontroláveis e exacerbados, sendo então socialmente consideradas como pervertidas. Mas, normalmente ocorre uma ausência de educação sexual para esses sujeitos. Ao evitar-se o diálogo sobre a sexualidade com as pessoas com deficiências, conseqüentemente haverá uma falta de orientações corretas sobre a temática. Dessa forma, pode acontecer desses sujeitos não compreenderem quais os locais apropriados para manifestarem seus desejos. Diante dessa realidade, é emergente que se trabalhe educação sexual com as pessoas com deficiências, desde crianças, para que assim elas consigam exercer a sexualidade de forma segura e em ambientes adequados, prevenindo possíveis constrangimentos ou violências (MAIA; RIBEIRO, 2010).

Além dos mitos que foram apresentados, conforme Maia e Ribeiro (2010), também há a crença de que pessoas com deficiências são pouco atraentes, indesejáveis e/ou incapazes de conquistarem parcerias amorosas e manterem um vínculo estável de relacionamentos. Como também, a falsa ideia de que a reprodução sexual desses sujeitos é problemática, porque são pessoas estéreis ou que geram filhos com

deficiências. Essas duas concepções são errôneas e explicitam os preconceitos existentes em torno desses corpos que não correspondem ao socialmente esperado.

Por meio do que foi exposto até aqui, confirma-se que as crenças apresentadas sobre a sexualidade das pessoas com deficiências estão embasadas numa concepção preconceituosa acerca desses corpos. Além disso, cabe dizer que essas trajetórias são múltiplas e subjetivas, o que torna esses discursos preconceituosos injustos por não contemplarem a totalidade das pessoas com deficiências (MAIA; RIBEIRO, 2010).

No tocante ao tema Educação Sexual, é importante dizer que ela deve estar presente na trajetória das PCD's. Vale aqui esclarecer que todos os seres humanos são educados sexualmente desde o nascimento, tal educação ocorre de forma intencional ou não intencional. Tem-se como Educação Sexual não intencional aquela que é realizada pela família e instituições, ocorre pela fala e omissão de questões que envolvem a sexualidade e o gênero (LOURO, 1997). Sendo assim, torna-se relevante uma Educação Sexual intencional e realizada no âmbito escolar, pois conforme Louro (1997), através da socialização dentro do âmbito educacional, aprende-se a enxergar o outro e olhar para si. Aprende-se ouvir, falar, calar e preferir. Aprende-se a como tocar, quem tocar ou a não tocar. Ensina-se e estimula-se o aluno ao entendimento do considerado bom e decente, tais ensinamentos abrangem modos subjetivos, sexuais e sociais (LOURO, 1997).

Diante do exposto, defende-se que a Educação Sexual na escola deve ser emancipatória, possibilitando que os alunos conheçam melhor o tema e formem as suas próprias opiniões. Entende-se por Educação Sexual emancipatória aquela que proporciona uma formação e compreensão “[...] plena, integral histórica, ética, estética e psicossocialmente significativa e consciente das potencialidades sexuais humanas e sua vivência subjetiva e socialmente responsável e socializadora.” (NUMES; SILVA, 2006, p.17).

Além disso, a Educação Sexual deve ser combativa a preconceitos e desigualdades existentes, possuir um caráter reflexivo, ou seja, proporcionar subsídios para que os sujeitos pensem sobre o corpo, o gênero e a sexualidade. Pois refletir sobre esses três conceitos apresentados é imprescindível para a realização de uma educação de qualidade. Bem como, deve ser uma educação crítica, estimulando que os alunos façam questionamentos sobre a sociedade. Ademais, a Educação Sexual deve obter características informativas, fornecendo subsídios importantes embasados na ciência (MAIA; RIBEIRO, 2010).

Considerando a relevância de uma Educação Sexual de qualidade para pessoas com deficiências que participam da EJA, este trabalho objetiva relatar as práticas que foram realizadas nessa temática, correspondentes ao período de Março a Junho de 2018<sup>3</sup>, junto aos alunos no núcleo EJA, na cidade de Jaú-SP.

### **Desenvolvimento das atividades**

As atividades tiveram início no dia 08 de Março de 2018, coincidentemente na data comemorativa do Dia das mulheres. A atividade realizada neste primeiro encontro visou à formação de vínculo com os alunos e a criação de um cartaz comemorativo ao Dia das Mulheres. Para isso, foi pedido para que os alunos que se apresentassem brevemente, falando o nome, a idade e algo que gostava. Em seguida, falou-se um pouco sobre conceito de gênero, pois ele é importante na constituição da sexualidade humana e para a Educação Sexual. Também falou-se da importância da participação ativa da mulher na sociedade, mas sem levantar problematizações complexas, visto que era o primeiro encontro realizado. Para finalizar, foram distribuídas revistas para eles identificarem figuras femininas, recortarem e montarem um cartaz comemorativo.

No segundo encontro realizou-se uma dinâmica com o objetivo de identificar alguns temas que despertavam interesse e/ou dúvidas em relação ao corpo. Entregou-se aos participantes três bolinhas, sendo uma vermelha, uma amarela e uma verde. Em seguida realizou-se perguntas temáticas que visou identificar qual o conhecimento dos mesmos em relação ao corpo. Quem concordava ou sabia sobre a questão, levantava a bolinha verde, quem tinha dúvidas levantava a amarela e quem discordava e/ou não sabia sobre o tema, levantava a vermelha. As questões que nortearam a dinâmica foram: é importante falar sobre o corpo? É importante do cuidar do corpo? Precisamos cuidar de nós mesmos? Precisamos respeitar o corpo do outro?. Conforme uma pergunta fosse feita o tema era debatido, realizando assim um breve diálogo em torno das questões. Em seguida, pediu-se para que eles se desenhasssem realizando alguma atividade onde exerciam algum tipo de cuidado corporal. Finalizou-se a dinâmica reforçando a importância do respeito ao próprio corpo e ao corpo do próximo.

Dentre as atividades que seriam desenvolvidas, as professoras da instituição pediram para que, se possível, também fosse trabalhado com os alunos sobre a

---

<sup>3</sup> Cabe ressaltar que neste relato constam as atividades do primeiro semestre, mas o projeto teve continuidade no segundo semestre de 2018.

higienização básica. Devido a essa nova demanda, no terceiro encontro realizou-se um jogo que objetivou ensinar sobre a importância dos cuidados corporais. Foram entregues aos alunos cartelas contendo desenhos de produtos de higiene corporal, como por exemplo: pasta de dente, pente, sabonete, shampoo, papel higiênico e entre outros. Em seguida, sortearam-se papéis que continham os mesmos desenhos e o aluno que estava com a mesma figura na cartela, pintava-a, e quem completasse a cartela seria o primeiro ganhador do jogo. Por meio desse jogo foi possível reforçar a importância da corporeidade e da higienização básica com os alunos, sem deixar de lado a forma lúdica.

Dado a relevância do tema anterior, no quarto encontro a temática ainda foi sobre os cuidados que se deve ter com o corpo, porém numa perspectiva de aceitação do próprio corpo e das diversidades existentes. Para isso, foi confeccionado um cartaz que visava mostrar as diversidades corporais. Foram entregues aos alunos figuras de corpos que estão fora dos padrões<sup>4</sup> da sociedade, eles pintaram essas imagens e logo em seguida confeccionaram um cartaz com as mesmas. Após isso, foi possível dialogar sobre as pluralidades humanas, os diferentes corpos e a importância de aceitar e respeitar os corpos que fogem ao padrão.

Os outros três encontros (encontro de número cinco, seis e sete) foram voltados para a confecção de um jardim intitulado como: “O Jardim da sexualidade”. Através desta dinâmica objetivou abordar de forma simples e lúdica temas relacionados à sexualidade humana, ampliando a temática para além dos órgãos genitais. Foi entregue para cada aluno uma flor, que os representou durante a montagem do jardim. Individualmente, eles pintaram essa flor e colocaram o seus nomes no miolo das mesmas. Além dessa flor, havia outra, ainda maior, que simbolizava a sexualidade e seus assuntos. No miolo estava escrito a palavra sexualidade, enquanto as pétalas correspondiam aos assuntos: gênero, homossexualidade, casamento, violência sexual, direitos humanos, respeito e corpo. Para a construção dessa flor maior, foram entregues aos alunos as pétalas para que eles as enfeitassem livremente. A atividade foi finalizada com as flores coladas em uma grande cartolina, representando a interação existente entre o individual, o social e a sexualidade. Esta representação se deu por meio da construção do jardim.

Após o término da atividade anterior, os encontros seguintes foram embasados nos conceitos expostos no “Jardim da sexualidade”. Assim, o primeiro tema escolhido

---

<sup>4</sup> Vive-se em um período que há um padrão de corpos, ou seja, corpos desejados são aqueles jovens, magros e que não possuem deficiências.

pelos alunos foi o: preconceito. Então, o encontro de número oito foi relacionado a essa temática, onde foram apresentados slides com imagens correspondentes as temáticas: homofobia, racismo, xenofobia, gordofobia, capacitismo e misoginia. Ao final de cada figura apresentada perguntava-se aos alunos sobre o que cada foto significava, como por exemplo, quando apresentou a imagem de um casal homossexual, foi perguntado o que aquela imagem representava. Em seguida, realizou-se uma roda de conversa visando compreender a concepção dos alunos em relação a estas temáticas.

O nono encontro ainda abrangeu a temática do preconceito, e nele pediu-se para que os alunos, juntamente com as professoras, criassem uma história onde o/a personagem principal sofresse algum tipo de discriminação. A história inventada pelos alunos referiu-se a um lagarto com várias cores existentes para agradar os amigos, mas não conseguiu agradar a todos, pois cada amigo preferia uma cor. O lagarto ficava triste com essa situação, até que resolveu não querer mais contentar os amigos e passou a usar as cores que lhe agradava. Pelo que foi conversado com as professoras, essa história inventada pelos alunos foi uma adaptação de uma história contada por elas alguns dias antes do encontro. Porém, mesmo que não fosse algo original, foi possível perceber que os alunos cumpriram com o objetivo proposto, que era compreender sobre as diferenças e o preconceito. Para finalizar a atividade, os alunos desenharam a história que eles mesmos contaram.

O décimo encontro teve como temática os relacionamentos. Para iniciar o assunto foi lido o livro “A parte que falta”<sup>5</sup>, em seguida realizada uma roda de conversa visando compreender a concepção dos alunos sobre relacionamentos. Os próximos dois encontros (de número onze e doze) objetivaram a construção de um cartaz abrangendo as múltiplas formas de relacionamentos. Os alunos foram divididos em grupos e receberam revistas para que recortassem e selecionassem imagens de pessoas se relacionando. Em seguida, foi pedido para que montassem um cartaz e explanassem sobre os relacionamentos que haviam escolhido.

O encontro de número treze foi embasado no tema das diversidades sexuais e de gênero. Esse encontro teve como objetivo relembrar os conceitos anteriormente apresentados (relacionamentos, corporeidade e preconceito), e ampliar para o assunto: diversidades sexuais e de gênero. Para isso, criou-se um jogo da memória, onde as

---

<sup>5</sup> Refere-se a história de um ser que vivia procurando a parte que falta para que pudesse ser feliz. Ao longo do percurso, ele encontra outras partes que não era dele, e enquanto procura consegue interagir com amigos. Quando encontra a parte que falta, ele fica muito feliz, mas deixa de fazer um monte de coisa e percebe o quanto ele era feliz antes.

imagens do jogo exibiam relacionamentos homoafetivos, pessoas negras ocupando espaços sociais, pessoas transgêneras, pessoas com deficiências, famílias monoparentais e relacionamentos de amizade. As figuras foram explicadas aos alunos, uma por uma, para que compreendessem o significado, em seguida eles puderam jogar.

Os três encontros seguintes (de número quatorze, quinze e dezesseis) tiveram como temática o conceito de gênero, pois discutir sobre o assunto é fundamental para uma Educação Sexual de qualidade. Iniciou-se com uma atividade objetivando falar sobre o assunto de um modo simplificado para facilitar a compreensão. Para a realização da atividade os alunos foram divididos em dois grupos, um grupo era responsável pelo gênero feminino, enquanto o outro pelo masculino<sup>6</sup>. Foram entregues algumas revistas e tesouras, para que eles recortassem imagens masculinas e femininas visando novamente à confecção de um cartaz. Pediu-se aos grupos que listassem as características que eles consideravam como femininas e masculinas, em seguida, essas características foram mencionadas e conversadas uma por uma. Através desse diálogo foi possível refletir sobre as desigualdades existentes entre homens e mulheres e sobre os estereótipos.

A confecção do cartaz tinha como proposta a construção de um Mundo onde houvesse igualdade entre os gêneros. Para isso, foi colocada uma cartolina na lousa simbolizando o Mundo e os alunos foram colando imagens de homens e mulheres, simulando uma relação entre os mesmos. Ao finalizar a colagem das imagens, as características discutidas anteriormente foram novamente expostas, e para a construção do cartaz colocou-se essas características como correspondentes tanto aos homens como as mulheres.

Para finalizar as atividades e confraternizar, no encontro número dezessete foi exposto um vídeo do YouTube<sup>7</sup> que falava de forma simples como meninos e meninas são educados. Em seguida realizou-se uma conversa relembrando todo o aprendizado dos encontros anteriores, e então foi realizada uma confraternização que teve como temática a Festa Junina.

---

<sup>6</sup> A dinâmica se deu por uma ótica binária, justifico esse fato pois tive a percepção de que os alunos, no momento da atividade proposta, ainda não tinham subsídios o suficiente para pensarem os corpos que fogem a cisheteronormatividade. Porém, no desenvolvimento do projeto os corpos trans foram mencionados e falou-se sobre as pluralidades de gênero.

<sup>7</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=chjMuabW2-Q> acesso em: 11/12/2018.

## Conclusão

Por meio dos encontros, tentou-se realizar uma Educação Sexual de qualidade, de modo que os alunos compreendessem o que estava sendo exposto. Houve a tentativa da realização de um trabalho lúdico, visando à participação igualitária nas atividades, pois mesmo os alunos com as deficiências mais severas, sejam elas físicas ou intelectuais, participaram das dinâmicas.

Esse relato reconhece o fato de que houve a repetição de algumas atividades, tais como construção de cartazes e desenhos para colorir, mas isso ocorreu devido ao interesse dos alunos, visto que os mesmos mantinham a tenacidade da atenção durante essas atividades citadas. Vale também ressaltar que apesar das repetições, os objetivos propostos foram alcançados, pois os alunos compreenderam os conceitos que foram apresentados.

Em relação às dificuldades, elas ocorreram devido aos alunos estarem em fase de alfabetização, inviabilizando atividades que envolviam a escrita. Outra dificuldade enfrentada refere-se ao desnivelamento cognitivo, em outras palavras, alguns alunos tinham mais dificuldades do que os outros. Devido a isso, tornou-se necessário o desenvolvimento de atividades mais simples para que todos compreendessem e participassem de maneira igualitária.

O trabalho que foi realizado permitiu observar que é possível a realização de uma Educação Sexual de qualidade, mesmo que de forma simples e de fácil compreensão. Porém, também foi possível constatar a ausência de materiais que viabilizem a Educação Sexual para pessoas com deficiência intelectual em fase de alfabetização. Essa ausência foi identificada ao realizar a montagem das atividades, sendo assim, deve-se ampliar os materiais de Educação Sexual para que contemplem todas as diversidades humanas.

Através das atividades realizadas também pode-se constatar a importância da Educação Sexual nas escolas, porém uma vez por semana e com encontros limitados ela torna-se incompleta. No caso apresentado na EJA Jaú, os encontros foram proveitosos, mas tem-se como hipótese que além da Educação Sexual intencional com assuntos temáticos, seria mais eficiente a formação de professores para que lidem com a sexualidade no dia a dia da escola e a presença de uma/um educadora/educador sexual em período integral, para realizar atividades e dar suporte aos alunos e equipe escolar.

Mediante o que exposto até aqui, esse relato de experiência reforça a importância da educação sexual nas escolas, em especial com jovens e adultos com deficiências. Essa forma de educação é pouco explorada, sendo assim, há necessidade de novos trabalhos nessa área, visando a emancipação das pessoas com deficiências, bem como romper com os tabus e crenças errôneas sobre a sexualidade desses sujeitos.

## Referências

- BACCO JÚNIOR, Arnaldo Martinez. **Um breve olhar sobre a sexualidade na fala dos professores da educação de jovens e adultos**. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2009.
- BRASIL. **Decreto-lei nº. 5.452, de 1º de maio de 1943**. Aprova a consolidação das leis do trabalho. Brasília 1943. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/Del5452.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm). Acesso em: 15 Out.2018.
- DANTAS, Dulciana de Carvalho. **A inclusão de pessoas com deficiência intelectual na educação de jovens e adultos (eja): um estudo de caso**. 288f. Tese (Doutorado em Educação), Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.
- GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José. (org.) **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez, 2002.
- GUARESCHI, Pedrinho. **Relações comunitárias – Relações de dominação**. In: CAMPOS, Regina Helena Freitas (org). *Psicologia Social: Da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes, 2012. Pp.66-81.
- LEITE, Graciliana Garcia; CAMPOS, Juliane Aparecida de Paula Perez. Percurso escolar de estudantes com deficiência na educação de jovens e adultos, nível ensino médio. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.24, n.1, p.17-32, Jan.-Mar., 2018.
- LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- NUNES, César; SILVA, Edna. **A Educação Sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas: Autores Associados, 2006.
- MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Rev. Brasileira Educação Especial**. Marília, v.16, n.2, p.159-176, Mai-Ago, 2010.

MARQUES, Poliane de Oliveira. **História da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil: breves reflexões**. 22f. Monografia (Graduação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

NOVA ESCOLA. **Censo escolar: Educação Básica “perde” 1,3 milhão de alunos em quatro anos**. Nova Escola, 2019. Disponível em:

<<https://novaescola.org.br/conteudo/15467/censo-escolar-educacao-basica-perde-13-milhao-de-alunos-em-quatro-anos>. Acesso em: 10 de Agosto de 2020.

SIEMS, Maria Edith Romano. Educação de jovens e adultos com deficiência: saberes e caminhos em construção. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 61-79, set. 2011/fev. 2012.

SILVA, Alcina Maria Testa Braz; GOUVEIA, Daniele da Silva Maia. **A formação educacional na EJA: dilemas e representações sociais**. *Revista Ensaio*. Belo Horizonte, v.17, n.3, p.749-767, set-dez. 2015.

TINÓS, Luciana Maria Santos. **Caminhos de alunos com deficiência à educação de jovens e adultos: conhecendo e compreendendo algumas trajetórias escolares**. 2010. 137 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

PEREIRA, Sandra Maria Borba. **O ato pedagógico como ato gnosiológico em Paulo Freire: ensinar como uma aventura criadora**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010.

PEREIRA, Maiara Cristina. **Educação de jovens e adultos com necessidades especiais: um olhar para a sexualidade**. In: VII SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, III SEMINÁRIO INTERNACIONAL CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 2018, Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018.

Recebido em agosto de 2020.

Aprovado em setembro de 2020.